

# Governo vai rever para cima previsão do PIB

L. C. Leite/AE - 19/5/1999

**Depois da freada, venda de carros pode crescer 11%**

*Em 2004, desempenho do setor será puxado pelo mercado doméstico; exportação ficará estável*

CLEIDE SILVA

**A** reação veio tarde demais para salvar os resultados de 2003, mas a indústria automobilística já vê como consistente a retomada das vendas a partir desse fim de ano. Considerado um 'farol' da economia, por sua exposição e capacidade de reagir às oscilações do mercado, o setor aposta em crescimento de 11% nos negócios no próximo ano, a partir de uma curva ascendente que começou em setembro.

"O aquecimento de agora não é uma bolha e deve prosseguir", diz o superintendente da Fiat Automóveis, Alberto Ghiglieno. As vendas de veículos cresceram 24% em setembro, na comparação com o mês anterior e, em outubro, houve novo aumento de 12,6%. É certo que as montadoras receberam ajuda do governo, que baixou 3 pontos do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) cobrado dos carros, redução repassada os preços.

Mas analistas do setor, responsável por 10% do PIB industrial, acreditam que a reação tem mais base na melhora dos indicadores econômicos do que na queda de preços obtida com o imposto menor. "Mais importante que isso, por exemplo, é a redução dos juros para o financiamento, que devem continuar



Fiat: crescimento nas vendas, já a partir deste final de ano

caindo", afirma o economista da Tendências Consultoria Integrada, Adriano Pitoli.

No primeiro trimestre do ano, o juro anual para a compra de carros novos era de 53,5%, índice que caiu para 38,8% em setembro. No mês passado, 60% dos negócios foram feitos por meio de crédito, ante uma média de 52% nos meses anteriores. A previsão é de que a média volte aos 70%, participação verificada até 2001.

Pitoli prevê aumento de 11% nas vendas internas de veículos em 2004, para 1,5 milhão de unidades, ante as 1,36 milhão de unidades projetadas para este ano. "Dessa vez a atividade econômica será puxada pela retomada das vendas internas", aposta ele, que calcula exportações estáveis para as montado-

ras no próximo ano.

Ghiglieno prefere trabalhar com uma variação de 3% a 10% para o aumento das vendas e sugere a necessidade de novas ações governamentais para manter o mercado aquecido, como a própria prorrogação da redução do IPI e medidas de mais longo prazo para 2004. Uma delas seria um financiamento especial que garantisse prestações de R\$ 300 por mês.

A idéia é trazer para o mercado consumidores com renda mensal entre R\$ 1 mil e R\$ 2 mil, que engrossariam a lista de compradores dos carros pequenos, como o novo Palio, modelo que a Fiat lançou em São Paulo neste fim de semana com preços a partir de R\$ 19.970.

Este ano a indústria registrará vendas em média 7% menores que as de 2002, amargando o terceiro ano seguido de queda. As fábricas operam com ociosidade de 44% e altos prejuízos, situação que tende a mudar a partir de 2004.

*Indicadores da atividade econômica no Brasil e crescimento dos EUA justificam mudança*

LU AIKO OTTA

**B**RASÍLIA – A área econômica do governo prepara-se para rever para cima as projeções de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro em 2003 e 2004. "Há uma tendência favorável", disse o secretário de Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda, Otaviano Canuto. A recuperação acima do esperado da economia americana, a melhora na perspectiva nos demais países desenvolvidos e, no front interno, a queda mais acentuada na inflação e os sinais de retomada da atividade econômica alimentam o otimismo no governo.

Para 2003, a estimativa oficial é que a economia cresça 0,6%. Esse dado, porém, já está sendo recalculado pelo governo, diante dos indícios de que a recuperação vem num ritmo acima do esperado. Tanto é assim que o próprio mercado já refez as contas. De acordo com a pesquisa Focus, feita pelo Banco Central e divulgada na semana passada, as instituições financeiras esperam, na média, um crescimento de 0,66% este ano. Para 2004, o governo projeta um crescimento de 3,5% e o mercado é ligeiramente mais pessimista: 3,23%.

Nos últimos dias, vários indicadores mostraram que a economia brasileira está saindo do fundo do poço. A atividade na indústria paulista, por exemplo, aumentou 6% em setembro, na comparação com agosto. O índice é ainda 5,5% maior do que o de setembro de 2002. Esses dados, compensados com o desempenho negativo ao longo do ano, farão com que a indústria de São Paulo feche o ano com taxa de crescimento

entre zero e -0,1%.

Já a Confederação Nacional da Indústria (CNI) detectou aumento de 0,16% nas vendas reais da indústria em setembro, em comparação com agosto, e aumento de 0,14% no número de horas trabalhadas. "As horas trabalhadas na produção aumentaram pelo terceiro mês consecutivo, confirmando a recuperação da atividade industrial", atesta a publicação *Resenha*, elaborado pela Secretaria de Política Econômica do Ministério da Fazenda.

"A recuperação da atividade no terceiro trimestre do ano não nos surpreende", disse Canuto. "Desde o final do semestre passado tínhamos segurança de que isso ocorreria." Na estratégia traçada pela equipe econômica no início deste ano, a elevação nas taxas de juros, feita para sufocar a inflação, derubaria os indicadores de atividade econômica na primeira metade do ano. Essa trajetória começaria a se inverter a partir do terceiro trimestre.

"Foi isso mesmo que aconteceu", comemorou o secretário. "É uma demonstração de que boa política macroeconômica funciona." Para completar o quadro favorável, a inflação medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de setembro ficou em 0,28%, surpreendendo os especialistas que esperavam taxa entre 0,41% e 0,60%. O dado dá mais espaço para corte na taxa de juros, mas Canuto não quis comentar esse tema.

Além disso, o novo acordo do Brasil com o Fundo Monetário Internacional (FMI) foi bem re-

cebido pelos analistas e a agência classificadora de riscos Fitch elevou a cotação do Brasil para B+. É uma posição igual à que o País tem na Standard & Poor's. Com isso, criou-se a expectativa de que a terceira grande agência, a Moody's, também eleve a cotação do País.

As notícias são boas no front internacional. No fim de outubro, Canuto participou da reunião da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), cujo tema foram as perspectivas econômicas para o fim de 2003 e para 2004. "Houve um consenso que mudou o balanço de riscos para uma direção mais favorável", disse. "A recuperação econômica virá, com os Estados Unidos liderando o processo." Como os sinais de reação na economia americana estão surpreendendo, é de se esperar que outros países, inclusive o Brasil, sejam beneficiados. "O quadro tende a favorecer uma taxa de crescimento maior

do que 3,5% em 2004."

Segundo o secretário, as autoridades econômicas que participaram da reunião da OCDE apontaram a "qualidade das políticas macroeconômicas nas principais economias emergentes" como um fator que favorece a recuperação da economia mundial. No mesmo tom foram as manifestações ouvidas por Canuto num seminário sobre risco na América Latina, na semana passada em Madri. Ele representou o Brasil, ao lado do ministro da Fazenda do México, Francisco Gil Diaz, e do presidente do Banco Central argentino, Alfonso Pratt-Gay.

**A recuperação econômica virá, com os Estados Unidos liderando o processo**

**Otaviano Canuto, secretário de Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda**